



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Kant: Um Berkeley Prussiano?
Autor	BRENO AUGUSTO DA SILVA FRANCO
Orientador	SILVIA ALTMANN

RESUMO

Autor: Breno Augusto da Silva Franco

Orientador: Silvia Altmann

Instituição: UFRGS

Kant: Um Berkeley Prussiano?

Desde a sua primeira aparição em 1781, a *Crítica da Razão Pura* (CRP) de Kant foi acusada de oferecer apenas uma versão mais refinada do idealismo de Berkeley. Com efeito, já na famosa resenha de Göttingen de 1782, a primeira resenha da CRP, encontramos uma versão contundente dessa acusação. Segundo os resenhistas, Kant, assim como Berkeley, identificaria o objeto imediato da percepção com ideias ou representações, isto é, com meras modificações do estado interno do sujeito, e, também como Berkeley, e com o mesmo propósito de neutralizar as consequências céticas dessa identificação, ele reduziria os objetos empíricos a construtos mentais, desposando, assim, uma espécie de fenomenismo. Essas acusações baseiam-se, sobretudo, numa certa leitura tentadora do Quarto Paralogismo da primeira edição da CRP, onde, além de repetidas vezes afirmar que corpos são “meras representações em nós”, Kant parece tentar uma refutação do idealismo problemático cartesiano segundo uma estratégia distintivamente berkeleyana. Teriam razão, contudo, aqueles que assim compreendem o Quarto Paralogismo da primeira edição e, em geral, o idealismo transcendental de Kant?

O objetivo deste trabalho de Iniciação Científica foi delinear, por meio de uma leitura detida do texto e com apoio da literatura secundária, junto às discussões feitas em seminário, uma resposta a essa pergunta. Os resultados obtidos até aqui são, em linhas gerais, os seguintes. A leitura “tentadora” do Quarto Paralogismo é equivocada. Kant nos apresenta, nesta mesma seção da CRP (A373), uma distinção entre dois sentidos de “fora de nós” que nos permite “neutralizar” as afirmações aparentemente fenomenistas de Kant, e que demanda uma interpretação não-fenomenista do argumento anti-cartesiano. Conforme essa distinção, dizer de um objeto qualquer que ele está “fora de nós” pode tanto significar que ele existe independentemente de nós (“distinto de nós”) quanto que ele se encontra no espaço (“pertence à aparição exterior”). Analogamente, dizer de um objeto que ele está “em nós” pode tanto significar que ele não existe independentemente de nós quanto que ele não se encontra no espaço, pertencendo, em vez disso, à “aparição interna”. Os objetos externos (corpos), para Kant, não são capazes de existir independentemente de nós e existem, portanto, “em nós” no primeiro sentido. No entanto, eles *não* existem “em nós” no segundo sentido, isto é, não são meras representações em nossa mente nem construtos mentais. Essa mesma distinção, além disso, demanda uma leitura distinta da “prova” da existência de corpos que Kant nos oferece nesta seção da CRP (A370-71), pois apenas se corpos estivessem “em nós” no segundo sentido seria possível provar a sua existência do mesmo modo como a de nós próprios e de nossas representações (que estão “em nós” nesse sentido).